1

INTERMEDIÁRIOS

Seu senhor a perguntou que pois se não queria tornar,
fosse terceira em fazer pazes entre uns e outros.

Uma questão colocada a uma
mulher aimoré, 1609

Nos primeiros anos do século XVII, o historiador jesuíta francês Pierre du Jarric apresenta uma mulher indígena que vivia no Brasil, em sua história das "coisas mais memoráveis" sobre as terras "descobertas pelos portugueses". Sem nomeá-la, ele a identifica como membro dos aimoré, um grupo indígena muito temido pelos colonos que viviam em Salvador, então capital do Brasil. Jarric explica que ela não mais vivia com os aimoré, mas em uma propriedade de um colono proeminente nos arredores de Salvador, onde fora "domesticada" nas maneiras dos portugueses, aprendendo sua língua e seus costumes. Seu senhor acreditava que ela poderia ser capaz de persuadir os aimoré a aceitarem a paz com os portugueses. Ele a enviou com "atavios" (roupas) portugueses, alimentos e "vários instrumentos de ferro", tais como facas e machadinhas, e por meio de sua língua nativa, ela convenceu um grupo de aimoré a aceitar os presentes e a proposta de paz oferecida pelos portugueses. Em seguida, alguns aimoré foram até a propriedade de seu senhor no entorno da zona canavieira que cercava a capital e, eventualmente, um chefe aimoré se encontrou com o governador do Brasil. Ele aceitou que

seu povo vivesse em uma ilha na baía de Todos os Santos onde os jesuítas lhes ensinariam o cristianismo. Por fim, Jarric descreve que uma procissão alegre ocorreu na capital para celebrar a paz.[1]

Um relatório jesuíta sobre suas missões no Brasil, nos primeiros anos do século XVII, sobre o qual Jarric baseia muito de seu relato, revela que o senhor daquela mulher lhe perguntara "pois se [ela] não queria tornar[-se], fosse terceira [parte] em fazer [as] pazes entre uns [portugueses] e outros [aimoré]". Por causa de sua língua, sua mobilidade e seu entendimento sobre as duas culturas, essa mulher se tornou a "terceira" – a intermediária ou mediadora – que possibilitou encontros pacíficos entre dois grupos anteriormente hostis. Seu protagonismo foi de grande importância e de longo alcance. A vida dos aimoré que ela persuadiu a aceitarem a proposta de paz dos portugueses nunca mais seria a mesma, pois tal paz abriria oportunidades para muitos na colônia portuguesa. Mas a mulher descrita por Jarric não foi um caso excepcional. Durante o século anterior, centenas de encontros semelhantes já haviam ocorrido, e certa interação entre os mundos indígena e português já era habitual no Brasil. Ela era parte de um processo muito maior no qual intermediários estavam tipicamente presentes em encontros entre povos indígenas e portugueses. E, ao longo dos séculos seguintes, muitos outros mediadores facilitariam encontros.

Normalmente, assume-se que o contato entre a Europa e a América foi uma relação diádica, ou seja, entre dois grupos culturais muito diferentes, europeus e ameríndios. Mas, nesse processo, mediadores – tal como a mulher aimoré – estiveram invariavelmente presentes. Certamente, conceituar a relação diádica entre o mundo português e o indígena é essencial para a compreensão dos conflitos entre dois modos de vida radicalmente diferentes no Brasil pós-1500. Porém, os intermediários, como mediadores, influenciaram de modo fundamental a emergência dessa relação entre dois mundos. Como explica o sociólogo Georg Simmel, "a tríade é uma estrutura completamente diferente da díade", e "é sociologicamente muito significativo que elementos isolados sejam unificados pela sua relação comum a um fenômeno externo a eles".[2] A mulher indígena, falando na língua aimoré e dando presentes como roupas europeias, alimentos e instrumentos, foi um desses fenômenos. Com o seu auxílio, um novo tipo de relacionamento viria a substituir os encontros violentos anteriores, os quais haviam caracterizado as interações

entre portugueses e aimoré por, ao menos, 50 anos. Como mediadora, ela tornou possível algum entendimento entre os portugueses e os aimoré, fosse para o bem, fosse para o mal.

Esses intermediários influenciaram a dinâmica de poder em jogo nas relações entre os mundos indígena e europeu. Nesse sentido, Simmel faz a distinção entre o mediador, que "guia o processo de chegar a um acordo", e o árbitro, que "termina por tomar partido de um dos lados". Para esse autor, mediadores permitem que os dois lados determinem o desfecho de seu conflito, enquanto na escolha de um juiz pelos dois lados, o "desejo pela conciliação" é "personificado no árbitro". Tal árbitro, assim, ganha "poder e notabilidade especiais sobre as forças antagônicas". Em termos históricos, os intermediários podem ser mediadores neutros, mas na realidade raramente o são. Em regra, eles tendem a se tornar o que Simmel chama de árbitros. Em um encontro, o lado que possui a lealdade ou que paga pela (e mantém) a fidelidade do intermediário ganha uma importante vantagem. Contudo, existe uma outra dimensão de seu poder. Os intermediários podem explorar suas posições em benefício próprio. Desse modo, Simmel rotula esse posicionamento como *tertius gaudens* (o terceiro que regozija). O *tertius gaudens* é alguém que "explora de modo egoísta a situação", aproveitando-se de muitas vantagens porque ele (ou ela) é indiferente ao desfecho do encontro.[3]

A complexidade dos intermediários tem fascinado romancistas que usam a ficção para explorar as tensões sociais, os dramas psicológicos e os deslocamentos de poder envolvidos. Na ficção, intermediários são indivíduos de um *status* social médio, que costumam ser dinâmicos, capazes de se adaptar em mundos muito diferentes, frequentemente fluentes em várias línguas, por vezes afeitos à mágica e amiúde envolvidos em situações intensas e relações de cunho sexual. Assim, não surpreende que os intermediários representados na ficção geralmente tenham um fim trágico. A título de exemplo, Celestina, a astuta alcoviteira, personagem no romance espanhol *La Celestina*, paga o preço com a própria vida por ter facilitado o amor entre casais, enquanto Leo, o jovem mensageiro no romance *The go-between* [*O mensageiro*], de L. P. Hartley, acaba sofrendo um colapso emocional. Por meio da personagem do obstinado espião Leamas, John Le Carré explora a complexidade da manipulação dos e pelos intermediários em *The spy who came in from the cold* [*O espião que saiu do frio*], assim como faz o romancista africano Amadou

Hampaté Bâ. A personagem de Bâ, Wangrin, manipula de modo brilhante e hábil seu papel como tradutor para despistar os administradores coloniais franceses no romance *L'étrange destin de Wangrin* [*El extraño destino de Wangrin*]. O intermediário como um agente do Império também emerge no romance reflexivo de J. M. Coetzee *Waiting for the Barbarians* [*À espera dos bárbaros*], que examina o poder e a bússola moral de um oficial do governo nas bordas do Império. Já na obra *Jakob der Lügner* [*Jacob, o mentiroso*], de Jurek Becker, a resistência à autoridade emerge na personagem Jakob, que cria mentiras para trazer esperança aos judeus no gueto controlado pelos nazistas. Em todos esses romances, os intermediários habitam um espaço "no meio do caminho" que lhes dá mobilidade, informação e poder – recursos cujo preço é sempre alto. Dessa forma, intermediários unem grupos ou indivíduos que não conseguem dialogar entre si; porém, ao mesmo tempo em que facilitam o contato e a comunicação, sua posição instável inevitavelmente os leva a situações de morte, loucura ou destruição.

Quase todos esses romances são ambientados em períodos históricos que podem ser reconhecidos como tempos de conflito, contato e mudança. Os historiadores também são fascinados por mediadores encontrados nas fontes do passado. Alguns deles têm alcançado *status* quase mítico em histórias nacionais e regionais. Pocahontas, que vivia na mesma época da anônima mulher aimoré, recebeu o crédito por trazer a paz entre a colônia inglesa de Jamestown e o povo Powhatan que vivia em seu entorno. Sacagawea (ou Sacajawea), uma mulher do povo Shoshone, que viveu 200 anos mais tarde, é outra intermediária individual cujo papel como intérprete e guia é celebrado por ter possibilitado que Lewis e Clark explorassem o noroeste americano. Na fronteira oeste do Brasil oitocentista, Mary Karasch descreve a vida da filha de um proeminente chefe caiapó que se tornou a "heroína indígena de Goiás". Damiana da Cunha foi batizada como cristã, viveu como cativa na residência do governador de Goiás para garantir a paz e empreendeu diversas expedições até os caiapó para trazê-los ao mundo colonial português.[4]

Talvez a intermediária mais famosa seja Malintzin, também conhecida como Doña Marina ou La Malinche, a intérprete e amante de Hernán Cortés durante a conquista do México. Doña Marina não foi a primeira intérprete que serviu a Cortés ou aos primeiros capitães que navegaram pela costa de Yucatán, nem foi a última, mas ela é considerada a mais importante. Indígenas

batizados, indígenas capturados no campo de batalha e libertados sob a condição de levarem mensagens e até espanhóis que tinham se juntado aos "nativos" serviram como tradutores para Cortés. Ele imediatamente aproveitou as habilidades linguísticas e culturais de Jerónimo de Aguilar, um espanhol que naufragou entre os maias e que era falante de espanhol e maia, bem como de Malintzin, posteriormente batizada como Marina, que falava as línguas maia e náuatle. Ao se tornarem tradutores experientes, Doña Marina e Aguilar transformaram as verdadeiras palavras de Cortés – cujo poder era limitado no México, já que só os espanhóis as entendiam – em palavras e conceitos inteligíveis aos povos falantes de maia e náuatle. Doña Marina se tornou tão importante que, de acordo com o soldado espanhol Bernal Díaz del Castillo, Cortés ficou conhecido no México como "Malinche", ou o capitão de Marina. Para Díaz, que escreveu suas memórias da conquista no fim de sua vida, Doña Marina foi um elemento crucial do sucesso dos espanhóis. Ele dedica um capítulo a ela em seu extenso relato, afirmando ao fim do capítulo: "eu quis declarar isso porque se Doña Marina não tivesse ido conosco, nós não conseguiríamos entender a língua da Nova Espanha e do México".[5]

Muitas representações visuais de Doña Marina como intérprete estão preservadas em relatos da conquista compilados a partir da perspectiva dos sobreviventes astecas. Um desenho em preto e branco sobre o encontro entre Moctezuma Xocoyotzin, o senhor dos astecas, e os conquistadores espanhóis aparece no *Códice florentino*, uma fonte escrita pelo padre franciscano Bernardino de Sahagún. Baseado nas memórias dos informantes náuatle, que foram entrevistados por Sahagún e por seus estudantes indígenas após a conquista do México, o *Códice florentino* enfatiza o papel de Doña Marina em seus desenhos e em seus textos tanto em espanhol como em língua náuatle. Essa imagem em particular mostra Doña Marina de pé entre os espanhóis e os indígenas. Ela é desenhada ao centro, ouvindo as palavras de Moctezuma. Seus pés estão descalços e suas mãos cruzadas sobre a barriga. Ela veste uma *huipil* (túnica) e saia e é representada olhando diretamente para Moctezuma, cuja mão direita está levantada, apontando o dedo indicador. Glifos de fala flutuam de sua boca para Doña Marina. A imagem claramente revela que esse encontro não foi uma relação exclusivamente diádica entre os espanhóis e Moctezuma, mas uma relação facilitada por uma terceira parte, Doña Marina, que transmite as palavras (Figura 1.1).[6]

Figura 1.1 – Doña Marina como intérprete entre Moctezuma e Cortés. Bernardino de Sahagún, *Historia general de las cosas de Nueva España. Códice florentino*. Florença, Biblioteca Medicea Laurenziana, Ms. Med. Palat. 220, c. 433r. Em concessão do Ministero per i Beni e delle Attività Culturali, Itália.

A maioria dos intermediários, no entanto, não era composta por figuras mitificadas nas histórias nacionais, principalmente por terem sido negligenciados ou esquecidos. Quando o conquistador espanhol Francisco Pizarro encontrou o inca Atahualpa em Cajamarca, tradutores indígenas estavam presentes. Ainda assim, com frequência esse encontro em 1532 é apresentado como um "choque [diádico] entre impérios", e o papel dos intérpretes é ignorado.

Jared Diamond, por exemplo, defende que o encontro entre Pizarro e Atahualpa marca não apenas "um momento decisivo do maior conflito da história moderna", mas que "os fatores que resultaram na prisão de Atahualpa por Pizarro foram essencialmente os mesmos que determinaram o desfecho de muitos conflitos similares entre colonizadores e povos nativos em outras regiões no mundo moderno".[7]

No entanto, como observa o historiador James Lockhart, os espanhóis possuíam excelentes intérpretes quando encontraram Atahualpa; não apenas já tinham os intérpretes antes de adentrarem no império incaico, como estes "haviam atravessado a maioria do mundo hispânico e vivido entre os espanhóis durante alguns anos durante a adolescência". Pedro Pizarro descreve esses intérpretes como meninos indígenas, ganhados ou capturados por Pizarro e seu parceiro Diego de Almagro em sua expedição de reconhecimento anterior ao norte do litoral peruano. Dois desses indígenas foram então levados para a Espanha antes de acompanharem Pizarro e Almagro ao Peru.[8]

Uma história notável escrita por Felipe Guaman Poma de Ayala [Waman Puma], um índio andino do século XVII, inclui uma representação visual do encontro entre Pizarro e Atahualpa que evidencia a presença do intérprete. Guaman Poma retrata o intérprete em um espaço intermediário entre Atahualpa e os conquistadores Diego de Almagro (que em realidade não estava presente), Francisco Pizarro e o padre franciscano frei Vicente. Atahualpa ocupa o centro e domina a posição mais elevada e privilegiada. Também na parte superior, à direita e à esquerda, estão os senhores incas. Abaixo dele, são representados os espanhóis.[9] Na imagem, Almagro e Pizarro ajoelham-se, assim como o faz frei Vicente, que segura uma cruz e um livro de orações. À direita de frei Vicente, e à esquerda de Atahualpa, está um intérprete com seu dedo indicador estendido. Cada um dos conquistadores é identificado, e o intérprete é rotulado como: "Felipe *yn*º [índio] *lingua*" (Figura 1.2). Não apenas na imagem, mas também na sociedade colonial do período, o intérprete, Felipe, ocupa um espaço de mediação entre os mundos indígena e espanhol.[10]

A representação de Guaman Poma do encontro entre Pizarro e Atahualpa possui sua própria lógica, com a interpretação dos eventos que ocorreram muitos anos antes, além de suas próprias distorções. Longe de ser minha intenção ler a imagem como uma fotografia do encontro ou um reflexo exato do que transcorreu, prefiro simplesmente ressaltar a presença de uma terceira parte: o intérprete.

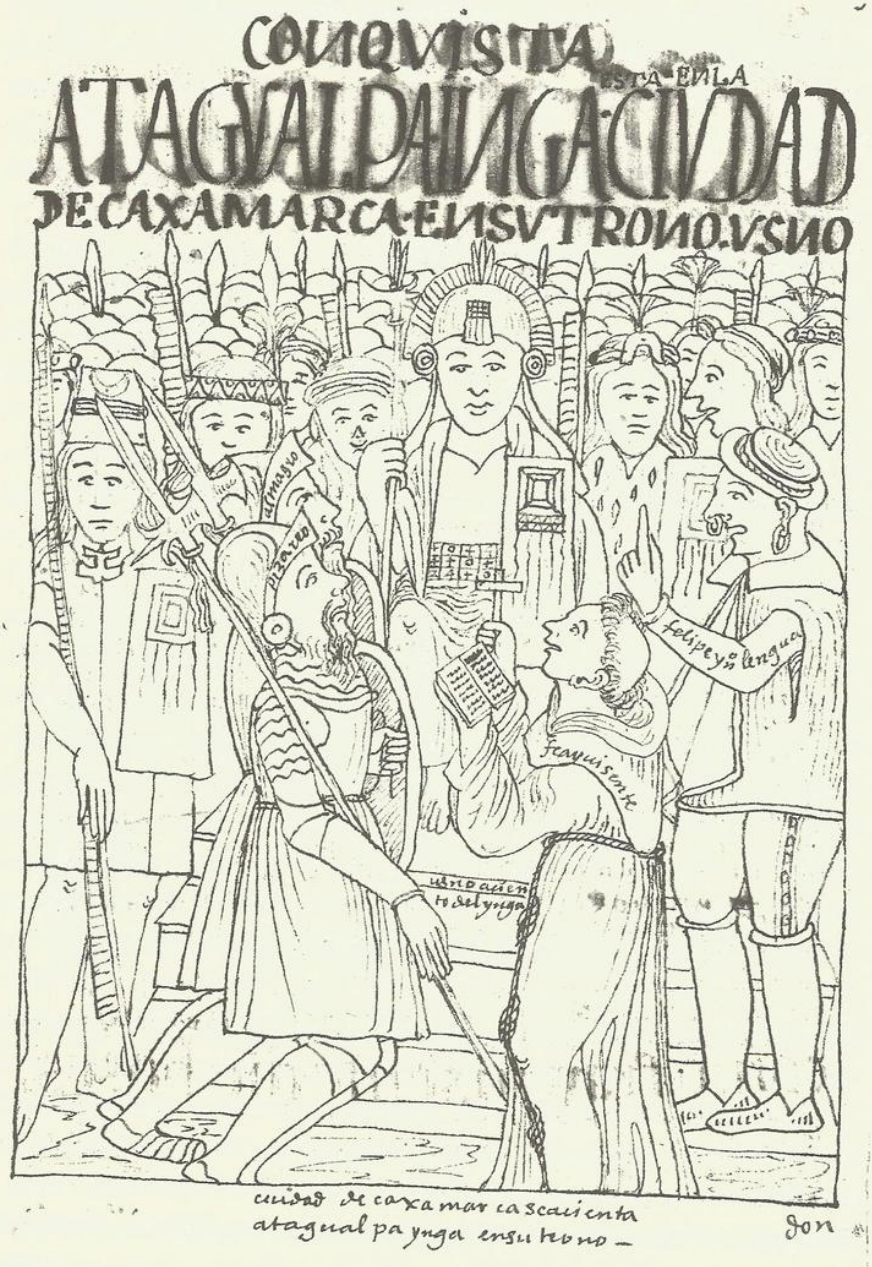

Figura 1.2 – Um intérprete (de pé, à direita) traduz contato entre Atahualpa (ao centro) e Pizarro (ajoelhado, à esquerda) em Cajamarca. Guaman Poma, *El primer nueva corónica y buen gobierno* [1615], p. 386. Copenhague, Det Kongelige Bibliotek.

À diferença dos encontros fortemente simbólicos em Cajamarca ou em Tenochtitlan, a maioria dos contatos entre europeus e americanos nativos ocorreu de forma típica e repetida durante longos períodos de tempo, não apenas em zonas de fronteira, mas nos encontros diários entre indígenas e colonizadores europeus. Atualmente, os historiadores dedicados a estudar as Américas reconhecem toda uma classe de intermediários. Nancy Hagedorn, por exemplo, identifica mais de 100 intérpretes que serviram nos territórios britânicos ao norte da Virgínia entre 1740 e 1770. Esses homens e mulheres foram tradutores e mediadores culturais habilidosos, fundamentais para os encontros diplomáticos formais entre os iroqueses e os oficiais do governo britânico. Janaína Amado e Timothy Coates, por sua vez, enfatizam a importância do degredado – o exilado penal – no império português. Amado defende que Portugal, um pequeno e pouco povoado reino cristão, somente conseguira alcançar suas ambições no além-mar ao colecionar obsessivamente informações por todos os meios possíveis. Portanto, a Coroa portuguesa encorajou a formação de tradutores e intermediários por meio do envio de prisioneiros condenados ao exílio na África, na Ásia e no Brasil. Na América espanhola, os *mestizos* que habitavam o espaço entre os mundos espanhol e indígena são frequentemente retratados como importantes intermediários. Por sua vez, a historiadora Berta Ares Queija vê os *mestizos* do Peru no século XVI como seres "condenados" a viver entre mundos, participando de ambos sem pertencer a nenhum deles. Sua mobilidade, sua habilidade de comunicação em duas línguas e sua capacidade de traduzir um universo simbólico ao outro eram únicas. Além disso, para Daniel Richter, os indígenas prisioneiros de guerra adotados pelas aldeias das cinco nações da Confederação dos Iroqueses no século XVII moldaram a recepção posterior dos missionários jesuítas.[11]

Os intermediários costumam habitar o que o historiador americano Richard White designa como "território fronteiriço" ("*middle ground*"). White define tal território como um lugar "entre culturas, povos, e entre os Impérios e o mundo das aldeias sem Estado". Para ele, o território fronteiriço ou intermediário é a periferia do sistema-mundo; "a área entre o cenário histórico da invasão europeia e da derrota e retirada indígena". O que particularmente chama a atenção de White é a ideia de que no território fronteiriço os "agentes menores, aliados e mesmo indivíduos periféricos com frequência guiam o curso dos Impérios".[12]

Operando em um espaço fronteiriço onde a influência do Império é mais fraca, muitas vezes os intermediários foram utilizados para arbitrar relações de modo que, ao longo do tempo, os interesses dos europeus fossem beneficiados em detrimento dos do mundo indígena. Um historiador americano, analisando como os ingleses "conquistaram" a América do Norte, reflete que, "para entender como os indígenas perderam a América enquanto os ingleses foram vencedores em sua empresa colonial, devemos enxergar para além dos grandes eventos – guerras, epidemias, avanço de fronteira – e examinar os encontros menos celebrados, mas não menos importantes, entre os povos". Essa "história real (e ainda não contada)", segundo ele, baseia-se nas interações entre indígenas e colonos, e é uma história difícil de ser escrita porque "esses encontros há muito esquecidos residem em restos de evidências, meros fragmentos de diálogos".[13]

Em tais fragmentos, os intermediários claramente ocupam o centro da cena, pois foram o meio de comunicação primordial nos espaços de mediação dos encontros. Aqueles que se tornaram intermediários e aqueles que foram por eles servidos são atores cruciais que, geralmente, determinaram o desfecho de encontros, reuniões, negociações e conversações. Como enfatiza o historiador americano James Merrell, os intermediários eram vistos como fundamentais para as negociações entre oficiais coloniais e indígenas, mesmo que os historiadores nem sempre tenham percebido a importância deles.[14]

As ideias do teórico da literatura Stephen Greenblatt serviram de importante fonte de inspiração para as hipóteses deste livro. Em *Marvelous possessions* [*Possessões maravilhosas*], o autor se interessa pelas "práticas de representação" que os europeus levaram consigo e com as quais costumavam descrever as Américas. Para Greenblatt, aqueles que escreveram sobre o continente americano e seus nativos, para o público europeu, criaram um "fluxo de representações textuais, juntamente com uma produção muito menor de imagens visuais", que "levaram" o Novo Mundo ao Velho. Os intermediários de Greenblatt tendem a ser os escritores de textos e escultores de imagens, mas ele também reconhece a importância dos intermediários que, por meio de seus movimentos, ligaram a Europa à América. Ele escreve que os "aventureiros europeus não apenas dependiam dos intermediários [*go-betweens*], mas eram, eles mesmos, intermediários [*go-betweens*]". Greenblatt tem interesse especial

pelos tradutores que foram fundamentais em vários encontros entre europeus e americanos. Refletindo sobre Doña Marina, ele a representa como "a figura que concentrou toda a comunicação entre dois povos". Segundo ele, "ela era "o principal acesso [de Cortés] à linguagem – por vezes sua língua e seus ouvidos – e, assim, a chave da esperança de sobrevivência e sucesso". Greenblatt vai mais longe e a caracteriza como "a instância suprema do intermediário [*go-between*] no Novo Mundo" porque ela era a figura pela qual passava toda a comunicação entre os mundos espanhol e asteca.[15]

Trabalhando sobre as observações desse autor, é possível ver que os intermediários desempenham múltiplos papéis, sendo útil estabelecer distinções entre eles. Se desdobrarmos e refinarmos o "intermediário" genérico de Greenblatt, três tipos principais de mediadores emergem. No nível mais baixo, encontram-se os intermediários físicos. São eles os homens, as mulheres e as crianças que atravessaram o Atlântico, ligando não apenas Europa e América, mas também Europa e África, África e América. Apesar de Greenblatt defender que todos os intermediários físicos carregavam suas "práticas representativas" e faziam parte da "representação" da América, creio que eles eram mais significativos como intermediários biológicos, uma vez que carregaram doenças, introduziram animais europeus domesticados e transplantaram a flora e a fauna americanas para a Europa e a África. Marinheiros, comandantes, tripulações, colonos e passageiros foram todos intermediários físicos e biológicos, assim como os africanos que atravessaram o Atlântico como escravos e os indígenas que viajaram para a Europa como cativos, servos livres e povos exóticos de um mundo novo.

Um segundo tipo de intermediário, o transacional, é o mais facilmente reconhecível. Tal grupo é composto por tradutores, negociantes e mediadores culturais. Alguns são bem conhecidos, tais como Doña Marina ou Sacagawea, enquanto outros permanecem anônimos, embora fizessem parte de grupos influentes, como, por exemplo, os *mestizos* da América Espanhola colonial ou os degredados do mundo português. Intermediários transacionais possuíam lealdades complexas e mutáveis, difíceis de serem reconstruídas por historiadores contemporâneos. Guaman Poma, por exemplo, serviu como mediador linguístico-cultural no Peru, após a conquista, devido à sua fluência em espanhol e quéchua, quando trabalhou como intérprete e informante para os oficiais coloniais espanhóis. Além disso, alguns dos intermediários mais

interessantes eram mulheres indígenas, embora a maioria ainda permaneça invisível nas fontes históricas escritas.

Europeus, assim como indígenas, percebiam o poder dos intermediários transacionais. As representações visuais de Doña Marina e Felipe em Cajamarca aparecem em documentos influenciados por indígenas astecas e andinos que, em retrospectiva, percebiam o poder que os intérpretes conferiram ao lado europeu durante a conquista. Muitos grupos indígenas buscaram e conseguiram seus próprios intermediários transacionais. Na América do Norte, por exemplo, o trabalho de Hagedorn revela que os chefes iroqueses contratavam seus próprios intérpretes para reuniões com os oficiais ingleses, e, no México, indígenas litigantes buscavam seus próprios escribas, intérpretes e advogados para assumirem seus processos perante os tribunais espanhóis.[16]

O terceiro tipo de intermediário, e também o mais poderoso, era composto por aqueles que, nos termos de Greenblatt, "representaram" a América e os povos indígenas para os europeus, ou a Europa e os europeus para os ameríndios. Enquanto Greenblatt considera que todos os intermediários tiveram esse papel de representar a alteridade, prefiro estabelecer uma distinção entre eles, que se relaciona com o nível de poder e influência que cada um possuía. Certamente, aqueles capazes de dominar a escrita, o desenho e a representação cartográfica obtiveram mais poder e influenciaram as gerações futuras de modo mais profundo do que tantos outros que se dedicaram a tal mediação sem deixar vestígios. Defino como intermediários representacionais aqueles que, por meio de escritos, desenhos, mapeamentos e tradição oral, moldaram em grande escala a maneira pela qual os europeus e indígenas viam uns aos outros. Intermediários representacionais foram os cartógrafos, escritores de cartas e cronistas – a maioria, mas não todos, europeus. Nesse sentido, Bernal Díaz del Castillo, que descreve o papel de Doña Marina na história da conquista do México, é um exemplo de um intermediário representacional, pois interpreta a conquista do México defendendo que os espanhóis tinham justificativas para aquilo que fizeram. De modo semelhante, os jesuítas foram intermediários representacionais poderosos no Brasil do século XVI, porque muito de nosso conhecimento sobre esse período crucial do início da colonização brasileira chegou até nós por meio de seus escritos.

Apesar de os intermediários representacionais do lado indígena serem muito mais elusivos do que suas contrapartidas do lado europeu, é importante lembrar que eles, com efeito, existiram. Um dos que mais se destaca é Guaman Poma, cujo livro de 1.200 páginas, com quase 400 ilustrações, tinha o objetivo de informar ao rei Filipe III sobre a situação no Peru e, em particular, sobre o mau tratamento que os indígenas recebiam dos espanhóis. Seu livro *El primer nueva corónica y buen gobierno*, de 1615, é hoje de valor inestimável por preservar a história do Peru antes, durante e depois da conquista, da perspectiva andina. De modo semelhante, os *lienzos* do México colonial são outro tipo de representação – uma imagem visual de paisagens, análises sobre os direitos às terras e às águas, lugares sagrados e genealogias – que refletem como os povos indígenas do México perceberam seu mundo em transformação. Reconstruir as representações dos europeus a partir do lado indígena no Brasil é mais difícil, mas alguns antropólogos têm trabalhos muito esclarecedores. A antropóloga Laura Graham ilustra como Warodi, um xavante ancião, no Brasil central, interpretou encontros passados por meio de sonhos, e como essas imagens foram compartilhadas por meio de *performances* expressivas. Esses retratos do passado, segundo Graham, influenciaram as estratégias contemporâneas dos xavante em sua relação com os oficiais do governo brasileiro. De modo semelhante, os trabalhos de campo de antropólogos na Amazônia contemporânea revelam representações complexas acerca dos brancos. Processos semelhantes certamente existiram no passado e podem ser recuperados por historiadores por meio de registros escritos e da tradição oral.[17]

Entre os intermediários representacionais estão os historiadores que, situando-se entre o passado e o presente, interpretam culturas passadas e as representam para os leitores atuais. Nesse sentido, eu também me situo na posição de intermediária representacional, na medida em que moldo o entendimento sobre o Brasil do século XVI. Assim como outros historiadores contemporâneos, vejo múltiplas histórias no passado e ao selecionar alguns temas, grupos, conjuntos documentais ou algumas séries de eventos, dentre todos os possíveis, construo uma narrativa sobre o século XVI que reflete aquilo que considero importante.

Os três tipos de intermediários que constituem o quadro conceitual deste estudo estão resumidos na Tabela 1.1.

Tabela 1.1 – Três tipos de intermediários

Físicos/biológicos	Aqueles que criam ligações materiais entre os mundos; carregam plantas, animais e doenças; têm filhos mestiços
Transacionais	Aqueles que facilitam a interação social entre os mundos; tradutores, mediadores culturais, negociantes
Representacionais	Aqueles que escrevem, desenham mapas, representam a cultura do "outro" por meio de textos, palavras ou imagens; historiadores

Em síntese, este livro entrelaça intermediários físicos, transacionais e representacionais em uma narrativa cronológica dos primeiros 100 anos da história da colonização brasileira. O século XVI trouxe enormes mudanças para os povos indígenas que viviam no território inicialmente chamado pelos portugueses de Terra de Santa Cruz, para sua paisagem, bem como para os povos da Europa e da África que ali foram viver. Nesse século formativo, um tempo em que o futuro da colônia era indeterminado e fluído, foram estabelecidos padrões de interação que serviriam de molde ao Brasil dos séculos seguintes. No entanto, diferentemente do século XVI mexicano, peruano ou caribenho, na história brasileira esse século permanece pouco compreendido. Ao rever a narrativa desse período da história brasileira e ao observar os intermediários e escutar suas vozes, discute-se a formação do país.

Muitos dos mais importantes temas da história brasileira estão enraizados no século XVI: o descobrimento, a exploração e o mapeamento do território, a história dos grupos indígenas, as origens da escravidão, o desenvolvimento da agricultura comercial, a influência dos jesuítas, a formação da identidade religiosa, bem como a destruição das florestas tropicais. Cada um desses tópicos pode ser desenvolvido em uma narrativa rica cobrindo todo o século, mas minha intenção é contar uma história específica: como os portugueses conquistaram o Brasil mediante a agência – ou o protagonismo – dos intermediários. Ao contar essa história, percorro muitas narrativas temáticas sobre o século XVI e, ao referenciá-las, espero fornecer um retrato conciso do Brasil de então.

Este livro termina em 1600 não porque tal história se encerre nesse ano, mas porque naquele momento os portugueses já haviam "vencido" a batalha por regiões estratégicas ao longo do litoral brasileiro. De modo crescente, durante o século XVI, as negociações feitas pelos intermediários garantiriam a vantagem dos portugueses em sua luta contra os povos indígenas sobre qual seria a cultura dominante. Com suas colônias já firmemente estabelecidas no litoral, ao final do século XVI, os colonos portugueses foram capazes de estender sua influência para novas regiões, onde muitos desses mesmos padrões de interação seriam replicados. Assim como os intermediários foram indispensáveis na conquista do litoral brasileiro no período, eles seriam também cruciais na ampliação das novas fronteiras de Portugal nos séculos XVII e XVIII, bem como na gestação do Brasil moderno que emergiu nos séculos XIX e XX.

Paradoxalmente, enquanto o poder e a influência portuguesa cresciam no Brasil durante o século XVI, o reino de Portugal perdia sua influência na Europa. O extenso império marítimo português, que os reis da dinastia de Avis haviam desenvolvido, sistematicamente, desde o início do século XV, começou a se desagregar no último quartel do XVI. Em 1578, a morte do jovem rei dom Sebastião, em uma cruzada de estilo medieval e mal planejada contra os muçulmanos, no norte da África, levou Portugal a uma crise dinástica. O rei dom Filipe II da Espanha manipulou as fraquezas de Portugal e reivindicou o trono em 1580, levando a dinastia de Avis ao fim. Embora a administração de Portugal e Brasil permanecesse separada da espanhola, Portugal e Brasil imediatamente sentiram os efeitos da sucessão naquele país. Dom Filipe pressionou a potente marinha mercante de Portugal a participar da armada enviada contra a rainha Elizabeth da Inglaterra em 1588. Sua destruição foi, portanto, um duro golpe para o comércio mercantil português. As possessões portuguesas na África, na América e na Índia caíram sob os crescentes ataques dos inimigos da Espanha, principalmente dos holandeses. Ligado à Espanha, Portugal, que havia sido um líder altivo da exploração marítima, foi destruído política, financeira e moralmente.[18] Ainda assim, apesar do poder declinante de Portugal no século XVI, o país se tornou cada dia mais vitorioso na conquista do Brasil. Como isso foi possível? E quando, durante o longo século XVI, isso teria ocorrido? As respostas a essas questões estão com os intermediários, sujeitos deste livro.

Buscando entender esses intermediários e o seu poder, comecei esta obra com a premissa de que, nos encontros do século XVI, centenas de mediadores

estiveram presentes – alguns nomeados, mas, em sua maioria, anônimos. Desse modo, retomo a história do século XVI para tornar visíveis os papéis desses intermediários. Ao examinar os três tipos de mediadores – físicos, transacionais e representacionais –, é possível ver como eles moldaram o nascimento e a evolução do relacionamento entre Portugal e Brasil. Os portugueses ganharam vantagens significativas no Brasil não pelo controle de todos esses mediadores, mas ao garantirem que a maioria deles arbitrasse em favor do lado português. Porém, o mundo que os portugueses conquistaram com o auxílio desses intermediários não foi uma reprodução de seu país, tampouco a colônia "conquistada" tomou a forma que os reis de Portugal imaginaram. Em 1600, as paisagens e os povos do Brasil eram claramente diferentes dos de Portugal. E mesmo que esse país reivindicasse o Brasil como sua colônia, isso não significava que a autoridade portuguesa reinasse suprema. Os intermediários possuíam seus próprios interesses e exerciam seu próprio poder, levando à eclosão de conflitos entre eles, mesmo entre aqueles que arbitravam em prol do mundo português. Os interesses e as práticas dos mediadores deixaram um legado para a subsequente formação do Brasil.

No Brasil, não encontrei representações visuais de intermediários mediando encontros que fossem comparáveis aos desenhos de Doña Marina no *Códice florentino* ou àqueles de Felipillo em *El primer nueva corónica*, de Guaman Poma. Porém, em um atlas do século XVI, desenhado em estilo francês e atribuído à Escola Dieppe, várias cenas de encontros emergem em ilustrações situadas no interior do Brasil. Um detalhe que retrata um europeu realizando comércio com homens e mulheres indígenas parece particularmente sugestivo de intermediação. No mapa, o europeu olha para fora do Brasil, como se fosse na direção do oceano Atlântico. Com seu dedo indicador, ele aponta para os troncos de pau-brasil recolhidos pelos indígenas. A seu lado há uma cesta com bens a serem comercializados. O europeu anônimo retratado neste detalhe cartográfico é claramente um intermediário físico que atravessou o oceano e chegou ao Brasil. Apesar de o artista não revelar como, está claro que esse homem está encarregado de estabelecer comércio entre o mundo europeu e os povos nativos do Brasil, exercendo também o papel de intermediário transacional. E o fato de o artista ter optado por utilizá-lo para representar o Brasil ilustra o reconhecimento de sua importância no comércio com o território colonizado (Figura 1.3).[19]

Figura 1.3 – Um intermediário no Brasil do século XVI. *Vallard Atlas*, 1547, HM 29, f. 11, detalhe. San Marino, Califórnia, The Huntington Library.

Como veremos, as palavras, trocas e simples interações indicadas nesse desenho carregam consequências amplas e de longo alcance. Afinal, esse homem anônimo (desenhado significativamente maior e em mais detalhes do que os homens e as mulheres indígenas com os quais ele faz comércio) claramente serve ao lado europeu. Ele está de pé sobre uma linha litorânea cuidadosamente desenhada e coberta com nomes ainda familiares nos dias de hoje, e seus pés atravessam os raios da rosa dos ventos que o cartógrafo desenhou próxima ao continente. Ele se encontra no Brasil graças à experiência em navegação de marinheiros europeus, e usa sua habilidade para adquirir as riquezas locais. Tais encontros – e os padrões de interação que eles iniciaram – já haviam ocorrido antes e se repetiriam ainda por diversas vezes. Como sugere esse detalhe, e como demonstra este livro, os intermediários foram centrais para a colonização do Brasil.

NOTAS

1 Jarric, 1608-1614, vol. 3, pp. 467-475. O relato de Jarric baseou-se em Guerreiro, 1603--1611, vol. 1, pp. 390-391, de onde vem a frase "pois se não queria tornar, fosse terceira em fazer pazes entre uns e outros". Relatos desse encontro também aparecem em Rodrigues, 1981, e em Frei Vicente do Salvador, 1954, pp. 302-303. Muitos historiadores incluíram o encontro em relatos sobre o Brasil. Ver Southey, 1969, 1, pp. 407-408; Hemming,1978, pp. 172-173; Campos, 1981, pp. 89-91. Eu volto a essa história no final do livro.

2 Simmel, 1950, pp. 122-162; citações pp. 141, 145.

3 Sobre mediadores e árbitros, ver Simmel, 1950, pp. 148-151. Sobre o *tertius gaudens*, pp. 154-162. Robert Paine reconhece agentes semelhantes, mas os rotula de forma diferente. Ele argumenta que, quando mensagens são encaminhadas com fidelidade, "nós reconhecemos o papel do intermediário", ao passo que quando elas são manipuladas e processadas, "reconhecemos um corretor". Paine, 1971, p. 6.

4 Karttunen discute a carreira de seis homens e dez mulheres, entre elas Sacagawea. Karttunen, 1994. Ver também a coleção de ensaios sobre intermediários organizada por Margaret Connell Szasz. Ver Szasz, 1994. Karasch, 1981, p. 105.

5 Díaz, 1966, pp. 56-57 e *passim*; citação da p. 57. Sobre Cortés ter sido chamado de Malinche, ver p. 120. Bernal Díaz dá crédito à importância dos tradutores, especialmente Doña Marina, e consistentemente nota sua presença em seu relato memorialístico. Cortés, por outro lado, menciona Doña Marina apenas duas vezes e raramente explica como ele pode se comunicar com ela; ver Cortés, 1963, pp. 14-15, 49, 269-270. O relato clássico do legado de Malinche para a identidade do México é "Los hijos de la Malinche", Paz, 1959; ver também Cypess, 1991. Um relato recente do papel de Malinche na conquista é Lanyon, 1999.

6 O décimo segundo livro do *Códice florentino* possui várias imagens de Doña Marina, todas mostrando-a "no meio", servindo como tradutora; Sahagún, 1979. Outra fonte

visual importante que recorda de modo semelhante o papel de Doña Marina na conquista a partir de um ponto de vista indígena é Chavero, 1979.

7 Diamond, 1997, p. 68.

8 Lockhart, 1972, p. 450; Pizarro, 1986, pp. 5-6, 37, 40. Ver também a discussão de Lockhart sobre o intérprete Martinillo, posteriormente conhecido como Don Martín Pizarro, e sua ascensão em *status* social após a conquista; em Lockhart, 1968, pp. 213--215. Lockhart, 1972, p. 450.

9 De acordo com Rolena Adorno, o posicionamento dos espanhóis pode ser lido ao se entender o valor simbólico do espaço imagético andino, no qual a posição superior é mais valiosa do que a inferior, e a direita mais valiosa do que a esquerda. De acordo com Adorno, os espanhóis "são classificados em uma escala de valor decrescente entre Almagro, Pizarro, frei Vicente de Valverde, até Felipe, o intérprete"; ver Adorno *et al.*, 1986, p. 95. Segundo essa autora, a iconografia andina subjacente, na representação de Guaman Poma sobre esse momento histórico, destaca a própria interpretação dele, ou seja, a de que Almagro tinha o maior *status* entre os espanhóis. Isso se deve ao fato de Almagro posteriormente se opor a Pizarro após este ter sentenciado Atahualpa à morte. Guaman Poma tinha pouco respeito em relação a Felipillo, e Adorno afirma que ele era "de longe o mais vil" (Adorno, 1986, pp. 95, 164, n. 15) por ter traído sua própria raça; ver Adorno *et al.*, 1986, pp. 89-93.

10 Poma, 1615, edição completa digitalizada disponível *on-line* na Biblioteca Real, Copenhague. Uma edição críticia de *El primer nueva corónica y buen gobierno* foi organizada por J. Murra & R. Adorno, 1980. Sobre sua vida e obra, ver Adorno, 1991 e 1992.

11 Hagedorn, 1988; Amado, 1988; Coates, 2001; Queija, 1997; Richter, 1985 e 1988. Para uma visão geral sobre os corretores culturais na história americana, ver Hinderaker, 2002.

12 White, 1991, pp. x-xi.

13 Merrell, 1991, p. 125.

14 Merrell, 1999, pp. 28-41.

15 Greenblatt, 1991, pp. 7, 119, 143-145. Para a tradução em português da obra, ver Greenblatt, 1996.

16 Hagedorn, 1988; Kellogg, 1995, pp. 13-24.

17 Adorno, 1992; Mundy, 2000; Boone, 2000; Oettinger & Horcasitas, 1982; Graham, 1995; Albert & Ramos, 2002.

18 Hermann, 1998, pp. 26-176.

19 Atlas Portolan, anônimo, conhecido como *Atlas Vallard*. Dieppe, 1547.